

INTERAÇÃO SOCIAL: UM ELEMENTO FACILITADOR NO PROCESSO DE
ENSINAR E APRENDER LÍNGUAS ESTRANGEIRASSOCIAL INTERACTION: A FACILITATIVE ELEMENT IN THE PROCESS OF
TEACHING AND LEARNING FOREIGN LANGUAGESMaiara Ramos Almeida¹Romar Souza-Dias²

RESUMO: Objetivamos, no presente estudo, fazer uma reflexão sobre a relevância da interação social, compreendendo-a como um elemento facilitador no processo de ensinar e aprender línguas. Este trabalho é uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo que tem por método a revisão da literatura. O aporte teórico que fundamenta esta discussão apoia-se na visão de Matui (1995), Oliveira (1997), Rego (2002), Vygotsky (1998; 2008). Os resultados confirmam a relevância e os benefícios da interação social como algo que, de fato, auxilia o processo de ensinar e aprender línguas. Nesse sentido, destacamos como imprescindível uma formação docente onde haja a percepção e, contudo, utilização de atividades inclusivas que promovam momentos de interação entre professor-aluno e aluno-aluno em sala de aula para que, a partir daí a comunicação possa favorecer a socialização do saber. Os novos significados, obtidos através do contato com uma língua estrangeira, fornecem aos alunos a possibilidade de se apropriarem de novos conhecimentos, construindo significados culturalmente situados em sua própria língua.

Palavras-chave: Sociedade; Interação Social; Ensino; Aprendizagem; Língua Estrangeira.

ABSTRACT: The objective of this study is to reflect on the relevance of social interaction, understanding it as a facilitative element in the process of teaching and learning languages. It is a qualitative bibliographical research that has by method the review of the literature. This study is supported by the theoretical contribution of Matui (1995), Oliveira (1997), Rego (2002), Vygotsky (1998; 2008). The results obtained confirm the relevance and benefits of social interaction as something that actually helps the process of teaching and learning languages. In this sense, it is essential a Teacher Education in which there is the perception and use of inclusive activities that promote moments of interaction between teacher-student and student-student in the classroom so that, from it, communication can favor the socialization of knowledge. New meanings, obtained through contact with a foreign language, may give the students the possibility of appropriating from the new knowledge, constructing, in this way, culturally situated meanings in their own language.

Keywords: Society; Social Interaction; Teaching; Learning; Foreign Language.

¹ Graduada em Letras com Habilitação em Língua inglesa pela Universidade do Estado da Bahia- UNEB. E-mail: maiararms@hotmail.com

² Doutorando em Linguística e Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília (UnB). Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus VI. Pesquisador no Grupo de Pesquisa CNPq/UnB Língua, Discurso e Representação. E-mail: rogabam@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O ser humano, sujeito socialmente interativo desde o nascimento, constrói-se e desenvolve-se a partir do contato com o outro, nas relações que institui ao longo da vida. Assim, dentre os vários aspectos biológicos e sociais, dentre outros, que constituem o ser humano, a interação social torna-se fator fundamental para que o indivíduo, através da linguagem, possa comunicar e, por conseguinte, trocar conhecimentos com as pessoas que o circunda.

Diante dessa premissa, a presente discussão busca respaldar, a partir da pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, a relevância de se atentar à interação social na sala de aula de língua inglesa, entendendo que, dessa forma, os alunos possam interagir a partir de atividades didáticas propostas, em que se contemplam as vozes dos aprendizes que, ao participarem do contexto de aprendizagem, contribuem de forma significativa para o aprendizado mútuo. Desse modo, um dos principais aspectos que norteiam este trabalho é a percepção de que ainda há uma grande carência em relação a abordagens que percebem a rica contribuição que os alunos podem dar a si mesmos e aos que estão a sua volta no processo de ensino-aprendizagem. Ratificando essa afirmação, Miccoli (2010, p. 81) assevera que poucas são as pesquisas que dão voz ao aluno, a “[...] maior parte das pesquisas ainda vê o aluno como mero receptor de seus resultados e não como um parceiro envolvido no processo”.

Dessa forma, as ideias aqui expostas concebem o aluno como um agente também responsável pela construção e reconstrução do seu próprio saber. Esse desenvolvimento acontece na medida em que o estudante interage com o seu contexto de aprendizagem e com outros participantes. Nesse sentido, notamos que a interação social tem papel fundamental para que o discente possa, de fato, participar ativamente do seu aprendizado. Partindo desse contexto, pretendemos destacar o papel facilitador e auxiliador da interação social no processo de ensinar e aprender línguas. Para tanto, recorreremos ao aporte teórico de Matui (1995), Oliveira (1997), Rego (2002), Vygotsky (1998; 2008), dentre outros, para embasamento deste estudo.

Com o dialogar das teorias estudadas, discutiremos sobre a relevância da interação social na sala de aula, salientando seus benefícios para o processo de ensino-aprendizagem de línguas. O questionamento do presente trabalho gira em torno do problema de que, sendo a sala de aula um ambiente composto por um conjunto de vozes que muitas vezes se calam perante as dúvidas, não havendo troca de conhecimento, como a interação social e as atividades desenvolvidas a partir dela [sala de aula] podem contribuir para a construção mútua do conhecimento dos que dela participam? Nesse sentido, fortalece-se aqui a imprescindibilidade de o professor promover a interação na sala de aula, possibilitando práticas que viabilizem trocas de conhecimentos entre os estudantes para que eles possam participar. Entendemos que, a partir dessa interação, os estudantes, de certa forma, engajam-se na construção do conhecimento.

Para legitimação de tal proposta, percebemos a relevância da interação social na sala de aula como um elemento³ facilitador no processo de ensinar e aprender inglês como LE. Buscamos, a partir do diálogo interdisciplinar, ratificar a pertinência de o docente promover ações coletivas na sala de aula, percebendo o processo de ensino-aprendizagem, enquanto experiência mediada pela Zona de Desenvolvimento Proximal

³ Entendemos que um evento discursivo qualquer é composto por vários elementos tais como: atividade material, fenômeno mental e relações sociais. As relações sociais materializam-se por meio das interações que podem ocorrer tanto no nível tête-à-tête ou não. Interação aqui, não se limita apenas ao contato com atores sociais reais, mas também o contato com textos escritos e outras semioses.

(ZDP). Ou seja, é imprescindível que o docente compreenda o processo de ensinar e aprender línguas por um viés colaborativo.

Diante das ideias aqui apresentadas, este estudo propõe refletir sobre a necessidade de um ensino-aprendizagem de línguas mais atento à interação e às vozes dos alunos. Nesta perspectiva, acreditamos que a interação social venha a contribuir com as trocas de saber em sala de aula. Pautado neste contexto comunicativo que as interações sociais estimulam, torna-se pertinente também repensarmos antigas práticas vinculadas ao ensino de línguas, gramática e tradução, por exemplo. Ao contrário de tais práticas, visualizaremos para esse processo um aprender que seja de fato significativo para os estudantes para que eles possam se inserir nesse contexto no qual as interações se propõem, contribuindo para construção do seu aprendizado e do saber mútuo. Nas próximas seções, apresentaremos algumas bases teóricas importantes para pensarmos um ensino e aprendizagem mediados pela colaboração.

Sobre Vygotsky

Antes de apresentarmos as bases teóricas que alicerçam este estudo, achamos pertinente escrever um pouco sobre Vygotsky, expoente máximo que influenciou o processo de ensino-aprendizagem colaborativo, e o contexto que culminou no desenvolvimento de suas ideias progressistas.

Lev Semyonovich Vygotsky, estudioso de várias áreas do conhecimento, dentre elas, a neurologia, linguística, filosofia, educação, percorreu diversos campos do saber e, com suas reflexões em torno desses estudos, forneceu subsídios para aprofundamentos referentes aos processos mentais. Interessado em compreender o universo do desenvolvimento psicológico, Vygotsky analisou vários aspectos que englobam este campo. O autor deixou-nos um grande legado de obras, e conduziu-nos a refletir sobre a essencialidade do ser e sua relação com o mundo e com o outro. Diante da relevância dos seus estudos, achamos imprescindível refletirmos sobre os aspectos que influenciaram suas teorias e em que contexto elas foram concebidas. De acordo com Lucci (2006, p. 02-06), sob o cenário da revolução russa de 1917, em pleno tumulto de uma guerra civil, marcado pela fome, situação econômica defasada, em meio ao caos, a educação destacava-se precária. Naquela época o índice de analfabetismo girava em torno de 70%. Após o fim da guerra, instalou-se a urgência em promover mudanças que visassem à reconstrução do país. Esta reconstrução deveria acontecer com base nos postulados da teoria marxista.

O desafio de se criar uma nova sociedade e, por conseguinte, uma nova ciência baseando-se nessa teoria motivou o impasse entre os marxistas. Assim a partir deste impasse, dividiram-se duas correntes, como acrescenta Lucci (*op.cit*): uma dialética e outra mecanicista. A primeira acredita que a consciência é uma característica humana em que os acontecimentos são dependentes das ações. A segunda postula que a ciência é autossuficiente e descobre suas próprias leis através das pesquisas.

Em meio a esse contexto histórico de renovação, Vygotsky aprofundou seus estudos desenvolvendo suas teorias. Esse estudioso destaca-se na Rússia num momento de grande importância em que se clamava pela construção de uma nova sociedade. Ele propôs uma nova psicologia que baseava no método e no princípio do materialismo dialético e que entendia o sujeito como produtor de conhecimento, não como mero receptáculo que absorvia ou contemplava o real, nem um defensor de uma única verdade que seguisse um plano ideal. Nessa perspectiva, o indivíduo é concebido como sujeito ativo capaz de reconstruir sua visão de mundo, considerado como ser atuante, conforme ressalta Rego (2002). Assim, o aspecto cognitivo é compreendido a partir da descrição e explicação das funções psicológicas superiores, determinadas historicamente e culturalmente.

Vygotsky as percebeu então, nos princípios do materialismo dialético como um forte recurso para reverter o quadro da crise da psicologia da época. Ele dedicou-se a estudar as funções psicológicas superiores que, segundo Matui (1995, p. 151), são consideradas “produto da história social, reflexo das atividades interpessoais e das condições materiais”. Vygotsky percebeu o funcionamento psicológico e as questões que circundam esse processo como as ações e memórias do ser humano. Para Vygotsky, segundo Rego (2002, p. 101), “a estrutura e o funcionamento do cérebro humano, que levaram milhões de anos para evoluir, também passam por mudanças no curso do desenvolvimento do indivíduo, devido à interação do homem com o meio físico”. O teórico buscou respaldar sua tese a partir de experimentos com crianças, pois de acordo com ele, é naquele momento que surge o uso de instrumentos de fala humana e das ferramentas usadas por estas crianças para interagir.

A partir dessa questão, volta-se o olhar para a relação dialética estabelecida entre o meio e o sujeito, levando em consideração seu processo histórico e cultural. Vygotsky acredita que as características do ser humano são resultados da interação dialética do homem com seu contexto sócio-cultural, pois ao ponto em que o homem transforma o meio em que vive, ele também é transformado por este meio. Assim, a partir do momento em que o sujeito muda o ambiente em que está inserido, essa mesma mudança, exercida por ele, pode influenciá-lo posteriormente. Sobre esse olhar, entendemos que o homem é sujeito ativo na construção do contexto social em que vive.

Compreendendo que é no processo de mediação que as funções psicológicas superiores se desenvolvem, Vygotsky conduz-nos a refletir sobre a relevância da relação que se estabelece entre os seres humanos e o contexto social, assim também como a própria relação dos homens entre si. É através dessa mediação que o indivíduo relaciona-se com o contexto e com outros indivíduos. Os instrumentos materiais e signos existentes no processo da interação permitem o contato com a cultura do outro. Nessa perspectiva, Vygotsky ressalta a relevância da linguagem no processo de mediação. Ele a destaca como um dos fatores primordiais na formação e no desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Assim a linguagem é entendida como um sistema simbólico: um elemento mediador que representa a realidade e que permite a comunicação entre os sujeitos.

Apresentado este contexto, passaremos, então, à seção seguinte em que discutiremos sobre os pressupostos da teoria sociointeracionista.

Teoria sociointeracionista da linguagem

A partir da compreensão da linguagem como prática social, é pertinente ressaltar o processo em que ela se destaca de tal forma. Diante dessa abordagem, desenvolve-se a teoria histórico-cultural ou sócio histórica do psiquismo conhecida como abordagem sociointeracionista, como observa Rego (2002). Esta teoria reflete sobre as relações entre o sujeito e sociedade, movida pelo materialismo dialético, que entende o processo de desenvolvimento do ser humano a partir da experiência social e histórica vivida por ele. Percebendo o ser humano como essencialmente social, Rego (2002, p. 93) enfatiza que “o homem constitui-se como tal através de suas interações sociais, portanto, é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações produzidas em uma determinada cultura”.

Entendemos, então, que o sujeito do conhecimento baseado nesta teoria, não é um sujeito pronto, único detentor do saber. Na verdade, o indivíduo, nesta concepção, é entendido como aquele que tem seu conhecimento construído e reconstruído a cada interação social. Esta teoria conduz-nos a refletir sobre as contribuições trazidas por cada ator social no âmbito da cultura, contexto social, dentre outros. Na abordagem

Vygotskyana, segundo Rego (*op. cit.*, p. 93), “o que ocorre não é a somatória entre fatores inatos e adquiridos e, sim, uma interação dialética que se dá, desde o nascimento, entre o ser humano e o meio social e cultural que se insere”.

Por entender que interagimos desde o nascimento, Vygotsky (1998) destaca a relação das primeiras interações exercidas pelas crianças. Ele ressalta o uso de vários elementos. Dentre os quais, o autor destaca a fala, ressaltando que essa diferencia os humanos dos animais. Então, quando as crianças entram no universo discursivo, mesmo sem ter noções de estruturas ou de organização da linguagem, utilizam-na a seu favor para interagir com as pessoas que as rodeiam, para, conseqüentemente, conseguirem o que almejam naquele momento. Nessas primeiras trocas, pode-se perceber a íntima necessidade em interagir com o contexto que as cerca. Assim, percebemos que a relação dialética estabelecida nessa atmosfera interativa conduz o sujeito a constituir-se como tal, no desenvolvimento dessa relação.

Tendo em vista essa questão, Vygotsky (1998) direciona-nos a perceber a relevância da Zona de Desenvolvimento Proximal, que segundo ele, trata-se do desenvolvimento real e potencial, em que o primeiro destaca-se pela resolução independente de um determinado problema, e o segundo, para que esta resolução ocorra, é necessário o auxílio de alguém mais experiente. Entendemos, assim, que as interações sociais (estabelecidas com o meio e com membros mais experientes) são imprescindíveis para o desenvolvimento do sujeito social.

Partindo desse princípio, percebemo-nos como seres sociais que agem ativamente sob o contexto que os cerca. Para o sociointeracionismo o ser humano é fortemente influenciado pelas trocas estabelecidas em um contexto historicamente marcado. O compartilhamento dos significados possibilita ao sujeito renovar-se enquanto indivíduo que estabelece redes de comunicação durante sua existência. Assim, tendo em mente que as relações sociais são instituídas na/pela interação, na próxima seção, refletiremos sobre a perspectiva construtivista do conhecimento.

Produção do sujeito social sob a perspectiva construtivista

Pretendemos, nesta seção, refletir sobre a construção do sujeito sob a perspectiva construtivista, enfatizando como este se constitui em meio às relações estabelecidas com o meio.

O sujeito, concebido à luz desse pressuposto, destaca-se como ativo. Trata-se de indivíduos socialmente organizados, que interagem, transmitem valores, crenças e saberes historicamente adquiridos. Nessa relação, o sujeito exerce influência sobre o contexto em que vive e ao mesmo tempo é influenciado por ele.

De acordo com Matui (1995, p. 44) “o construtivismo é interacionista”. Dessa forma, o indivíduo, nesta perspectiva, é definido como protagonista na construção do conhecimento, aquele que se apropria da cultura, dos saberes, no contato e nas relações estabelecidas em sociedade. O meio em que ele se insere, é ressaltado como palco influenciador de transformações. O meio, na verdade, é o cenário em que o sujeito recria-se a partir das contribuições do outro, levando em conta sua bagagem histórica e cultural. Sob essa visão, o indivíduo constrói suas identidades num espaço fértil de discursos que impulsiona o nascimento de novas concepções e de novas formas de perceber o ser no meio social.

Destacar o desenvolvimento do sujeito pelos pressupostos construtivistas é reafirmar a natureza sócio histórica do ser, é perceber que desde o nascimento, o indivíduo manifesta sua necessidade em interagir com outras pessoas e com o meio que o cerca.

Com o passar dos anos, o indivíduo molda-se, tornando reflexo⁴ dos diferentes contextos e experiências vivenciadas por ele. Nesse contexto, a interação social vivenciada pelo ser humano, destaca-se pelo seu caráter constitutivo e transformador em que os participantes de um determinado contexto compartilham não só os significados, mas também suas concepções de vida.

Entendemos assim que, em meio ao contexto de diversidades, o indivíduo troca experiências, erra, aprende, e participa do processo de transformação do outro ao passo que se transforma através dos discursos. Todas essas situações acontecem em um ambiente historicamente marcado, chamado de sociedade em que se tecem as redes de comunicação.

Assim, ao percebermos o contexto comunicativo em que o sujeito está inserido, achamos pertinente analisar, a seguir, quais instrumentos tornam possíveis as interações entre os indivíduos e ressaltar o papel preponderante desses mecanismos na construção humana.

Relação entre pensamento, linguagem e fala

Regidos por normas sociais e culturais, os indivíduos constituem-se. Em meio à necessidade de comunicar-se o sujeito integra-se ao processo dialógico que está no cerne do desenvolvimento humano. Logo, esse indivíduo utiliza-se de estruturas que possibilitam a sua interação com as pessoas que o cerca, mediando assim seu contato com o conhecimento. Na medida em que os participantes de um contexto social utilizam-se dessas estruturas (mentais e linguísticas), eles criam redes de comunicação.

Nessa perspectiva, compreendemos pensamento, linguagem e fala como algo inerente ao ser humano, a partir das construções sociais que se desenvolvem do contato com o outro em sociedade. Assim, a linguagem configura-se como instrumento utilizado pelo pensamento que auxilia na constituição do sujeito. Rego (2002) destaca que à medida que a criança dialoga e interage com os membros de sua cultura, ela aprende a usar a linguagem como instrumento do pensamento e como meio de comunicação.

Pensar no sujeito ativo, capaz de transformar o contexto em que vive a partir das interações e diálogos com o outro e o meio, é entender que os caminhos trilhados por cada indivíduo são tecidos pelas redes de comunicação. O ato de comunicar é indispensável a todo ser humano e, segundo Oliveira (1995), a necessidade de comunicação impulsiona o desenvolvimento da linguagem, possibilitando o contato com a cultura e as contribuições históricas de cada indivíduo.

Em meio a esse cenário de experiências mediadas pela linguagem, o pensamento constrói-se. De acordo com Matui (1995, p. 61) “o sujeito e o pensamento são reflexos das múltiplas relações existentes na realidade material”. É, portanto, nas relações estabelecidas com o outro que o pensamento se desenvolve, e transforma-se. Vygotsky (1998) ressalta a estreita relação entre o pensamento e a linguagem e enfatiza que o pensamento não apenas expressa a linguagem. O autor assevera que é a partir da linguagem que o pensamento adquire sentido, e estrutura-se. Por esse viés, Rego (2002, p. 64) ratifica que “a linguagem tanto expressa o pensamento (...) como age como organizadora desse pensamento”. Assim, na medida em que o sujeito interage, ele estrutura e organiza seu pensamento, agregando a este, novos sentidos e valores.

Dessa forma, a linguagem destaca-se como fator primordial na construção do sujeito em sociedade. Ela (a linguagem) esta presente nos diversos campos do saber,

⁴ Não estamos afirmando que o homem é produto do meio. Quando escrevemos que ‘o homem se torna reflexo dos diferentes contextos’, estamos sinalizando a influência dos contextos na construção da identidade desses sujeitos, que, por sua vez, podem exercer agência humana.

impulsiona a transformação dos que dela utilizam e se caracteriza como ponte de acesso ao conhecimento. O desenvolvimento da linguagem é influenciado por vários fatores, dentre eles destacamos a cultura. As produções históricas, as vivências em sociedade e as experiências humanas são aspectos que estão no cerne do desenvolvimento da cultura. Esses fatores recebem significados por meio da linguagem. De acordo com Soares (2002, p.16) a “linguagem é, ao mesmo tempo, o principal produto da cultura, e é o principal instrumento para sua transmissão”. Ela também se destaca como elemento influenciador na construção das identidades, pois é através dos discursos que há possibilidade de acesso às diversas transformações que circundam o universo acarretando, conseqüentemente, no surgimento de novas identidades. Sobre isso, Gondar (2002) afirma que crenças e desejos constroem-se a partir do uso da linguagem. Segundo este teórico, ela é constitutiva do ser humano.

Ao destacarmos a imprescindibilidade da linguagem para o desenvolvimento humano, julgamos pertinente situar o papel da fala na constituição do sujeito. Rego, (2002) destaca que a função primordial da fala é o contato social e a comunicação que ela propicia. A fala é também fruto das produções históricas, das experiências humanas, das transformações do sujeito que dela utilizam-se. A fala destaca-se como enunciado, é o resultado de todo o processo percorrido pela linguagem no âmbito sociocultural. As interações fornecem condições para que a fala se desenvolva e construa ao mesmo tempo o contexto e o indivíduo. A seguir, refletiremos sobre a competência comunicativa, contexto em que linguagem, pensamento e fala interagem e materializam.

Conceituando competência comunicativa

Ao percebermos o papel fundamental exercido pela linguagem no processo de interação e comunicação, afirmamos que é impossível pensar no contexto social dissociado das relações de trocas estabelecidas nele. Pensar em uma sociedade que não interage é enxergar um ambiente limitado, um espaço com uma multidão inerte, em que o conhecimento não se desenvolve, não se troca informações, e se estagnam o tempo e todas as transformações oriundas dele.

O cenário em que a linguagem estabelece-se é a sociedade e, partindo do pressuposto de que constituímos-nos enquanto sujeitos nesse ambiente, trocando informações e conhecimentos, entendemos que estamos inseridos num contexto comunicativo. Assim, inclinamos o olhar para esta esfera comunicativa em que a linguagem passa a ter campo real de atuação, onde o indivíduo, impulsionado a participar desse contexto, torna-se apto a interagir de alguma forma. Nas interações, com as contribuições sociais e culturais do outro, o sujeito transforma-se agregando valores e conceitos. O sujeito desse contexto comunicativo é capaz de se construir e reconstruir-se a partir das contribuições do outro, conforme temos salientado até aqui. A capacidade de interagir está agregada à competência comunicativa do indivíduo. Sobre isso, Mesquita et al (2011, p. 96) salientam que “[...] o termo *competência* está associado a algo que está em constante processo de construção. É definido como um conjunto de saberes, conhecimentos e habilidades, apreendidos e aperfeiçoados na experiência social”.

A constituição do sujeito dá-se, portanto em meio a esse processo, em que não existe um sujeito pronto. Na verdade, este se constrói a partir do contexto em que vive e das interações que estabelece. É um indivíduo em construção, que partilha os significados através da linguagem, já que o ato comunicativo está no cerne do desenvolvimento humano e as relações estabelecidas com o contexto propõem mudanças, transformações e novas formas de refletir. Assim, todo indivíduo contribui de alguma forma com a construção do outro, e é claro, com sua própria. De acordo com Mesquita et al (2011),

Todos os sujeitos são competentes, pois é através da interação social com seus pares dentro de determinado contexto regido por normas socioculturais que esses indivíduos aprendem e aperfeiçoam seus conhecimentos que, por sua vez, são passados de geração em geração através da linguagem (MESQUITA *et al*, 2011, p. 96).

A esfera comunicativa não se destaca apenas pelas transmissões de informação, mas também pelo desenvolvimento do ser que ela possibilita através das relações estabelecidas no contexto comunicativo que está presente nas interações sociais, ou seja, nas relações construídas em sociedade. Dessa forma, em meio à habilidade comunicativa que a interação propicia, nascem alguns elementos que tendem a enriquecer o processo de desenvolvimento humano e que exercitam as trocas em sociedade. A seguir, apresentaremos esses aspectos como produtos relevantes do ato interativo.

Conhecimento, experiência, habilidade e singularidade

Os aspectos que estão em torno do processo de construção do saber são fortemente ligados às interações com ambiente e as pessoas que neles estão inseridos. Perceber a construção e desenvolvimento do sujeito nesta perspectiva é reconhecer as contribuições históricas e culturais que são constituídas no transcorrer dos anos. Segundo (Matui 1995, p.39) “ao longo da vida, o meio, a experiência, os estímulos vão depositando os conhecimentos na mente”. Estes conhecimentos são construídos e transformados pelo indivíduo, na medida em que ele participa do contexto em que vive.

É a partir do discurso do outro que aprendemos a questionar, investigar, conhecer e transformar antigos conceitos. As experiências vivenciadas no processo de interação social têm caráter constitutivo e formador. Essa interação, segundo Matui (1995), é uma forma privilegiada de acesso à informação e ao conhecimento, já que as relações estabelecidas neste processo propiciam-nos o acesso as visões e perspectivas diferentes impulsionando o contato com o saber e participação da construção deste, conforme temos enfatizado até aqui.

Nesse sentido, as trocas de experiência e de conhecimento que compõe o processo de interação social em que o sujeito está inserido, apresenta-se como uma forma singular de concebê-lo. Se desde criança interage-se de alguma forma e, com o decorrer dos anos, essa interação vai se aprimorando, mesmo que imperceptivelmente, é impossível pensar no ser humano em sociedade sem compartilhar informações, cultura, saberes, e toda a bagagem que está no cerne do desenvolvimento humano. Tendo em vista a concepção de que o ser humano é essencialmente interativo e participativo na construção do conhecimento, refletiremos, na próxima seção, sobre a importância da Zona de Desenvolvimento Proximal e sua influência na produção do conhecimento.

Zona de Desenvolvimento Proximal: a aprendizagem enquanto experiência mediada

Nesta seção refletiremos sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal, destacando a aprendizagem enquanto experiência mediada. No transcorrer do presente trabalho, temos frequentemente enfatizado que o sujeito é um ser social que se desenvolve na medida em que estabelece relações com o outro. Nesse sentido, a interação é considerada como um elemento essencial para a construção do conhecimento.

A concepção de sujeito destacada por Vygotsky (1998) conduz-nos a perceber o desenvolvimento humano atrelado a uma esfera colaborativa em que diferentes indivíduos com conhecimentos diversos trocam experiências. Nesse contexto, um sujeito sempre se destaca em determinada área do saber. O indivíduo mais experiente auxilia o outro a resolver determinada situação. Por esse viés, Vygotsky (1998) destaca a Zona de Desenvolvimento Proximal como fator essencial a ser considerado no desenvolvimento cognitivo do sujeito. Segundo o autor,

A zona de desenvolvimento proximal é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas com a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 1998, p. 112).

A Zona de Desenvolvimento Proximal é definida como desenvolvimento real e potencial, em que o primeiro destaca-se pela resolução independente de um determinado problema, e o segundo, para que essa resolução ocorra, é necessário o auxílio de alguém mais experiente. Essa concepção de colaboração vem reafirmar a ideia de que o homem é um ser essencialmente social, impossível de ser pensado fora desse contexto, e que, à medida que interage, influencia nas ações e concepções do outro.

Ao refletirmos sobre o desenvolvimento do sujeito social na medida em que agrega novos conhecimentos e se constitui, direcionaremos nosso olhar, na próxima seção, para o campo educacional. Essa reflexão direciona-se ao ensino de língua estrangeira e a possibilidade do uso da Zona de Desenvolvimento Proximal⁵ nesse processo. Apresentaremos a concepção de ZDP, tendo em vista o pressuposto de que os sujeitos interagem para a produção mútua do conhecimento com foco específico na mediação exercida para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, mais especificamente, neste estudo, a língua inglesa.

Processo educativo e a constituição do sujeito sob o enfoque interativo

Pensar em formação de cidadãos, em sujeitos que se desenvolvem em um espaço socialmente marcado por trocas de informações e conhecimentos, é pensar na esfera interativa que permeia esse espaço. A sala de aula é composta por vozes que, ao manifestarem-se proferem vivências, experiências e são retratos de culturas, crenças e valores que no decorrer dos anos têm moldado os indivíduos que se encontram naquele ambiente. Na sala de aula, professores e alunos tecem redes de comunicação que impulsionam o desenvolvimento interpessoal. Vale aqui salientar que, quando pensamos em Zona de Desenvolvimento Proximal no processo educativo, levamos em consideração o conhecimento já adquirido pelos alunos e o professor como alguém capaz de potencializar esse conhecimento.

Essa noção permite-nos pensar algumas possibilidades de uso da ZDP no ensino de línguas. Ao explorarmos atividades que visam interações no ambiente de sala de aula, estamos valorizando o nível potencial de cada aluno, posto que todos estão ali em busca de um resultado comum, o conhecimento. Nesse sentido, ao incentivar as interações no espaço da sala de aula, professores e alunos serão mediadores do conhecimento e

⁵ Acreditamos que o conceito de ZDP é imprescindível em qualquer processo interativo de ensino e aprendizagem de línguas.

desenvolvimento mútuo. Trata-se de um espaço que considera as contribuições que cada um tem a oferecer, em que se estabeleça uma área propícia ao aprendizado onde o erro é visto como degrau para chegar ao aprendizado proposto. De acordo com Davis et al (1989, p.54),

Se o professor e seus alunos conseguirem estabelecer em sua sala uma atmosfera de respeito mútuo, onde divergências são acolhidas, visões distintas confrontadas, bases de desacordo compreendidas, soluções comuns buscadas, e onde, sobretudo, “errar” não significa falta de conhecimento e sim sinal de que uma estrutura está em construção, pode-se dizer que de fato, a interação social do grupo é não só formativa como também constitutiva de um novo saber e de uma nova forma de relacionamento interpessoal (DAVIS *et al*, 1989, p.54).

Nesse sentido, destacamos o papel fundamental do professor que, ao trabalhar o conhecimento do aluno, potencializa-o sob a oferta de insumos. Sobre isso, Oliveira (1997, p. 62) enfatiza que “o professor tem papel explícito de interferir na Zona de Desenvolvimento Proximal dos alunos, provocando avanços que não ocorreriam espontaneamente”.

Percebendo o papel imprescindível do professor no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, na próxima seção, abordaremos sobre a necessidade de uma boa formação docente.

A importância da formação do professor para o enfoque interativo

Para oferecer um ensino que seja realmente significativo, é necessário que o docente atente-se a uma série de peculiaridades que circundam o ambiente de sala de aula, posto que aquele ambiente é composto por sujeitos com realidades e necessidades diferentes. Visto pela perspectiva de mediador e impulsionador das transformações, o professor percebe as especificidades dos educandos, ao fornecer subsídios para uma aprendizagem satisfatória. Por esse viés, o docente é visto não como mero transmissor do conhecimento, mas como mediador deste.

Segundo Freire (1996, p. 47) é pertinente reconhecer que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Como ponte entre o saber e o aluno, o docente caracteriza-se por potencializar nos educandos o desenvolvimento do conhecimento. Ao mesmo tempo em que o docente ensina, ele educa, lida com situações complexas e realidades diversas. No ensino de línguas, é pertinente que o docente perceba formas alternativas para valorizar a interação social na sala de aula e fazer dela uma ferramenta propícia para a construção de um ensino mais dinâmico e participativo.

Para que o processo de ensino-aprendizagem torne-se realmente produtivo, é pertinente que o docente reavalie as suas práticas e perceba que não é o único detentor do saber na sala de aula. É válido ressaltar, mais uma vez, que à medida que se ensina também se aprende. Interessante destacar também as composições e contribuições dos alunos e ressaltar que o conhecimento que eles trazem de suas vivências é válido para o processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, para que o professor proporcione um ensino mais dinâmico, é necessário que ele se capacite, pesquise invista na sua formação e perceba que o conhecimento se constrói a cada dia, pois não é algo estático, pois para o docente, o conhecimento nunca deve ser determinado como suficiente, pois sempre haverá o novo. Diante das ideias

expostas até agora, percebemos a necessidade de refletirmos sobre algumas implicações da aprendizagem de línguas, mais especificamente, a língua inglesa, na vida social dos aprendentes.

Algumas implicações da aprendizagem de inglês na vida social e intelectual do aprendiz

Após refletirmos sobre a contribuição da interação social para a construção do conhecimento, é relevante elucidarmos as contribuições que a aprendizagem de inglês pode proporcionar para a vida social dos alunos que dela se apropriam, pois, de acordo com o PCN de língua estrangeira do terceiro e quarto ciclo, “a aprendizagem de língua estrangeira representa outra possibilidade de se agir no mundo pelo discurso além da que a língua materna oferece”. (BRASIL, 1998, p. 43).

Além de atingir o status de língua globalmente falada, o inglês caracteriza-se pela ascensão que obteve através da globalização. No mercado de trabalho, ele tornou-se fator fundamental para a inserção ao emprego almejado. A língua inglesa destaca-se nos diversos cenários e sua propagação evidencia a necessidade do seu aprendizado, inserindo-a, então, no currículo escolar.

A aprendizagem desse idioma pode oferecer uma gama de possibilidades para os estudantes tais como: conhecer novos povos, concepções, crenças e culturas. Nesse sentido, a língua inglesa torna-se uma ponte em que o aprendiz tem a possibilidade de transitar pelos “vários mundos” e pelos discursos e distintas realidades desses espaços. Em se tratando de acesso à cultura do outro, a aprendizagem dessa língua pode possibilitar ao aprendiz o contato com as produções sócio históricas de diversos povos. Essa relação estabelecida com a nova língua pode também fornecer subsídios para que ocorram transformações sociais e individuais dos sujeitos a partir do nível de produção de novos significados.

Neste sentido, os novos significados adquiridos através do contato com a língua inglesa fornecem aos alunos a possibilidade de se apropriar dos conhecimentos, reconstruindo culturalmente novos significados na sua própria língua. Dessa forma, percebemos, portanto, que a aprendizagem da língua inglesa perpassa por uma gama de aspectos e fatores que tornam esse estudo significativo para o aprendiz. A partir do contato cultural e social ou pela relação com sua própria língua que o aluno experiência durante o aprendizado de línguas, surge a possibilidade de o aprendiz ampliar seu conhecimento e estimular seu desenvolvimento cognitivo.

Nesse sentido, Almeida Filho (2011) assevera que,

Aprender uma nova língua não é mais somente aprender outro sistema, nem só pensar informações a um interlocutor, mas sim construir no discurso (a partir de contextos sociais concretos e experiências prévias) ações sociais (e culturais) apropriadas. O discurso é aqui concebido como uma linguagem com fins específicos e aceitáveis, marcado por diferenças individuais em situações sócio-culturais reais nas quais o (inter) locutor se depara com a manutenção das relações sociais, conflitos, necessidades de informações e negociações sempre sob o prisma das atitudes, motivações pessoais ou coletivo-culturais (ALMEIDA FILHO, 2011, p. 81).

Contudo, reafirmando as ideias defendidas neste estudo, vale salientar que como facilitadora do processo de ensinar e aprender línguas, a interação social possibilita o

contato de um indivíduo com o outro, proporciona a socialização dos discursos, os questionamentos e inquietações, aspectos esses inerentes ao processo de ensinar e aprender. Acreditamos, assim, que é pertinente atentarmos a relevância da interação social e desenvolver, a partir dela, atividades significativas, pois a interação social é um elemento poderoso capaz de criar condições para a construção de um saber reflexivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo baseou-se na proposta de perceber a relevância da interação social como um elemento facilitador do processo de ensinar e aprender línguas. A partir do que foi aqui apresentado, percebemos que a interação social é, de fato, uma fonte auxiliadora do processo de ensinar e aprender línguas. Neste sentido, destacamos a sua importância na sala de aula para que possa favorecer a socialização do saber, ao ponto que permite aos alunos manifestarem-se, questionando professores e/ou auxiliando colegas com dificuldades, estabelecendo reciprocidade entre os atores que participam do processo de construção do conhecimento na esfera educativa. Entendemos que os assuntos aqui abordados são enriquecedores. Esperamos que as discussões apresentadas neste estudo não se encerrem aqui, pois interessa-nos que este assunto sirva de provocação epistemológica a outras vozes e que a partir daí, possam surgir novas inquietações.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. **Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas**. 6ª ed. Campinas SP: Pontes Editores, 2010.

_____. A abordagem comunicativa do ensino de línguas: promessa ou renovação na década de 1980? In: ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. **Linguística Aplicada, Ensino de Línguas e Comunicação**. 4ª ed. Campinas, São Paulo: Pontes Editores e ArteLíngua. 2011. p. 77-87.

BRASIL, Ministério da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, p.120.

DAVIS et al. **Papel e valor das interações sociais na sala de aula**. Cadernos de pesquisa. 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LUCCI, M. A. A Proposta de Vygotsky: a psicologia sócio histórica. **Revista de currículum y formación del profesorado**. Universidad de Granada, Espanha, v. 10, nº2, 2006, p. 1-11. Disponível em: <<http://www.ugr.es/~recfpro/Rev102.html>>. Acesso em: 30 mai. 2017.

MATUI, J. **Construtivismo: teoria sócio histórica aplicada ao ensino**. São Paulo: Moderna, 1995.

MESQUITA et al. Repensando a competência comunicativa sob a ótica da complexidade. In: **Revista Desempenho**, Brasília: Universidade de Brasília, v. 10, n.16, p. 92-109, dez.2011. Disponível em: <www.revistadesempenho.org.br>. Acesso em: 30 jul. 2017.

MICCOLI, L. S. Refletindo sobre o processo de aprendizagem: um estudo comparativo. In: OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico**. São Paulo, Scipione, 1997.

OLIVEIRA, C. L. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Revista Travessias**, 2009.

REGO, T. C. **Vygotsky, uma pesquisa histórico-cultural da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 2008.

_____. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Recebido em: 19 fev. 2018

Aceito em: 29 mai. 2018